

Um sacramento que nos fala da compaixão de Deus pelo homem no momento da doença e da velhice.



Sacramento da Unção

Gostaria de vos falar, hoje, do Sacramento da Unção dos enfermos, que nos permite ver, concretamente, a compaixão de Deus pelo homem. No passado, era chamado “**Extrema Unção**”, porque era entendido como conforto espiritual na iminência da morte. Falar de “**Unção dos enfermos**”, pelo contrário, ajuda-nos a alargar o olhar para a experiência da doença e do sofrimento, no horizonte da misericórdia de Deus.

1. Há um ícone bíblico que expressa, em toda a sua profundidade, o mistério que transparece na Unção dos enfermos: é a parábola do “bom samaritano”, no Evangelho de Lucas (10,30-35). Todas as vezes que celebramos este Sacramento, o Senhor Jesus, na pessoa do presbítero, torna-se próximo de quem sofre e está gravemente doente, ou é idoso. Diz a parábola que o bom samaritano se ocupa do homem sofredor, derramando sobre as suas feridas óleo e vinho. O óleo faz-nos pensar no que é abençoado pelos bispos todos os anos, na Missa crismal da Quinta-Feira Santa, precisamente tendo em vista a Unção dos enfermos. O vinho, pelo contrário, é sinal do amor e da graça de Cristo, que brotam do dom da sua vida por nós, e se expressam, em toda a sua riqueza, na vida sacramental da Igreja. Por fim, a pessoa sofredora é confiada a um hospedeiro, a fim de que este continue a ocupar-se dela, sem se preocupar com a despesa. Mas, quem é este hospedeiro? É a Igreja, a comunidade cristã, somos nós, aos quais todos os dias o Senhor Jesus confia aqueles que estão aflitos, no corpo e no espírito, para que possamos continuar a derramar sobre eles, sem medida, toda a sua misericórdia e salvação.

2. Este mandato é reafirmado, de maneira explícita e clara, na Carta de Tiago, na qual se recomenda: **“Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”** (5,14-15). Por conseguinte, trata-se de uma prática que já se usava na época dos Apóstolos. Com efeito, Jesus ensinou aos seus discípulos a ter pelos doentes e pelos sofredores uma predileção semelhante à sua, e transmitiu-lhes a capacidade e a tarefa de continuar a

conceder, em seu nome e segundo o seu coração, alívio e paz, através da graça especial deste Sacramento. Mas isto não nos deve fazer cair na busca obstinada do milagre, ou na presunção de poder obter sempre, e apesar de tudo, a cura. Dá-nos, porém, a certeza da proximidade de Jesus ao doente e também ao idoso, porque cada idoso, cada pessoa com mais de sessenta e cinco anos, pode receber este Sacramento, mediante o qual é o próprio Jesus que se aproxima de cada um de nós.

Por vezes, contudo, na presença de um doente, pensamos: **“chamemos o presbítero para que venha”**; **“Não, dá azar, não o chamemos”**, ou então, **“o doente assusta-se”**. Por que se pensa assim? Porque há um pouco a ideia de que, depois do presbítero, só resta vir a agência funerária. Ora isto não é verdade. O presbítero vem para ajudar o doente ou o idoso; por isso é que é tão importante a visita dos presbíteros aos doentes. É preciso chamar o presbítero para junto do doente e dizer: **“venha, dê-lhe a unção, abençoe-o”**. É o próprio Jesus que chega para aliviar o doente, para lhe dar força, para lhe dar esperança, para o ajudar; também para lhe perdoar os pecados. E isto é muito bonito! E não se deve pensar que isto seja um tabu, porque é sempre bom saber que, no momento da dor e da doença, não estamos sós: com efeito, o presbítero e quantos estão presentes durante a Unção dos enfermos, representam toda a comunidade cristã que, como um único corpo, se reúne à volta de quem sofre e dos seus familiares, alimentando neles a fé e a esperança, e apoiando-os com a oração e com o calor fraterno. Mas o maior conforto provém do fato de quem está presente no Sacramento ser o próprio Senhor Jesus, que nos guia pela mão, nos acaricia como fazia com os doentes, e nos recorda que já lhe pertencemos e que nada - nem sequer o mal ou a morte - jamais nos poderá separar d’Ele. Temos nós este hábito de chamar o presbítero, para que ele venha administrar este Sacramento, este conforto, esta força de Jesus para ir em frente, aos nossos idosos e aos nossos doentes, não digo doentes de gripe, uma doença de três ou quatro dias, mas quando se trata de uma doença séria? Façamo-lo.

- Catequese Papa Francisco

Papa Francisco / Audiência Geral, Praça de São Pedro, quarta-feira, 26 de Fevereiro de 2014

Fonte: *Libreria Editrice Vaticana*



Mário Soares e a Religião

Encontrei várias vezes **MÁRIO SOARES**, também em contexto religioso.

Felicitou-me vivamente por umas palavras de despedida no funeral de Natália Correia, com este final: "'Para onde vão os mortos?', perguntava o filósofo Bernhard Welte. Para o Silêncio? Para o Nada? É

este Nada que a todos espera. Que Nada? Não está, à partida, decidido como deve ser interpretado este Silêncio e este Nada. Trata-se de um silêncio morto ou de um Silêncio vivo, habitado? Trata-se de um nada negativo ou de um Nada enquanto ocultação absoluta do Mistério vivo, como quando dizemos: aqui não vejo nada, mas sabendo que lá pode estar algo e até o essencial? Quando se olha para o Sol, não se vê nada, tal é o excesso de luz. Este nada é pura e simplesmente nada ou, pelo contrário, o Nada experienciado na morte é a figura do Mistério oculto que a tudo dá sentido e fundamento? Natália, foi no Espírito Santo, tal como o entendias, que acendeste a tua luz e cantaste o fogo do teu canto. Natália querida, no mistério da despedida, que agora mais misteriosamente te envolve, seja ainda o Espírito Santo te guie!"

Fiz uma vez, na Universidade Católica, em Lisboa, uma conferência sobre o pensamento do Padre Joaquim Alves Correia, o padre português mais clarividente do século XX, antecipando inclusivamente o Concílio Vaticano II. Mário Soares, que presidiu, deixou, no final, todas as pessoas sair, para me dizer: Sabe? O António Sérgio, quando lhe apareciam jovens com problemas de fé, mandava-os para o Padre Joaquim Alves Correia. No meu caso, ele já tinha sido exilado. Hoje, estou convencido de que, se não se tivesse dado esse exílio e tivesse tido a oportunidade de me encontrar com ele, possivelmente, em vez de agnóstico, seria crente.

Outra vez, num debate sobre a liberdade religiosa, em Lisboa, uma senhora ousou perguntar-lhe se pensava na morte e no seu depois. E Mário Soares (também aqui cito de cor): A minha mulher é crente. Eu não tenho esse dom. Sou laico, agnóstico. Evidentemente, penso nisso: qual o

fundamento de tudo quanto há?, o que é que andamos cá a fazer?, qual o sentido da nossa existência? Mas não tenho fé. Se, na morte, Deus me aparecer, dir-lhe-ei: Ainda bem! Claro, ficarei contente.

"Onde é que eu estarei, quando cá já não estiver", é a pergunta lancinante que Tolstoi coloca na boca de Ivan Ilitch moribundo. Mário Soares partiu. A minha fé diz-me que Deus lhe foi ao encontro. E Mário Soares: Ainda bem que existes! E ficou contente. Porque o Deus em que acredito é o Deus que está do lado da liberdade, aquela liberdade por que Mário Soares se bateu e por cuja luta nós todos lhe estamos profundamente agradecidos. Mário Soares foi um combatente pela liberdade e pela tolerância. A ele se deve em grande parte que, por causa dos ensinamentos colhidos da Primeira República, não tenha havido, no 25 de Abril, conflitualidade religiosa.

Anselmo Borges. Padre e professor de Filosofia.

<http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/interior/mario-soares-e-a-relig>

Morreu o médico Daniel Serrão

Ex-conselheiro do Papa João Paulo II, DANIEL SERRÃO destacou-se na medicina sobretudo pelos seus trabalhos nos campos da anatomia patológica e bioética. Morreu na madrugada deste domingo, 08.01.2017, aos 88 anos, vítima de problemas respiratórios decorrentes de um atropelamento que sofreu há mais de dois anos



Com a morte de cada homem termina um universo cultural específico, mais ou menos rico mas sempre original e irrepetível.

O que o homem deixa quando morre - os seus escritos, os objetos culturais que criou, a memória da sua palavra, dos seus gestos ou do seu sorriso naqueles que com ele viveram, os filhos que gerou - tudo exprime uma realidade que está para além do corpo físico, de um certo corpo físico que esse homem usou para viver o seu limitado tempo pessoal de ser homem.

Daniel Serrão (1928-1977)

In "*Viver, envelhecer e morrer com dignidade*"

Papa Francisco relembrou dramas intemporais em carta e pediu coragem aos Bispos de todo o mundo para conseguirem proteger direitos de todas as crianças.

No dia 28 de Dezembro, Festa dos Santos Inocentes, Mártires, o Papa Francisco escreveu uma carta aos Bispos de todo o mundo onde relembrou as duras realidades que colhem a vida de muitas crianças. No mesmo documento, divulgado hoje pelo Vaticano, o Santo Padre voltou a reafirmar **“tolerância zero”** para abusos sexuais de menores praticados por membros do clero.

Bergoglio lembrou que o Natal foi e é também acompanhado de pranto, tal como descreveu o evangelista Mateus aquando do nascimento de Jesus, lembrando o gemido das mães que na altura choraram os seus filhos inocentes.

“Ouçamos o pranto e a lamentação destas crianças; ouçamos também o pranto e a lamentação da nossa mãe Igreja, que chora não apenas pela dor provocada aos seus filhos mais pequeninos, mas também porque conhece o pecado de alguns dos seus membros: o sofrimento, a história e a dor dos menores que foram abusados sexualmente por sacerdotes.”

“Um gemido que podemos continuar a ouvir também hoje, que nos toca a alma e que não podemos nem queremos ignorar ou silenciar. Hoje, entre o nosso povo, infelizmente – escrevo-o com profundo pesar –, ouve-se ainda a lamentação e o pranto de tantas mães, de tantas famílias, pela morte dos seus filhos, dos seus filhos inocentes”, relembrou.

Francisco desafiou todos os pastores a tomarem como modelo São José e a lutarem pela proteção da alegria, protegendo-a dos “novos Herodes” que ameaçam a inocência de tantas crianças. O Pontífice relembrou dramas como a interrupção antecipada da escolaridade, os deslocamentos forçados, o trabalho infantil, a fome e o tráfico e abuso sexual de menores.

“Ouçamos o pranto e a lamentação destas crianças; ouçamos também o pranto e a lamentação da nossa mãe Igreja, que chora não apenas pela dor provocada aos seus filhos mais pequeninos, mas

também porque conhece o pecado de alguns dos seus membros: o sofrimento, a história e a dor dos menores que foram abusados sexualmente por sacerdotes. Pecado que nos cobre de vergonha. Pessoas que tinham à sua responsabilidade o cuidado destas crianças, destruíram a sua dignidade. Deploramos isso profundamente e pedimos perdão. (...) Hoje, recordando o dia dos Santos Inocentes, quero que renovemos o nosso empenho total para que tais atrocidades não voltem a acontecer entre nós. Revistamo-nos da coragem necessária para promover todos os meios necessários e proteger em tudo a vida das nossas crianças, para que tais crimes nunca mais se repitam. Assumamos, clara e lealmente, a determinação «tolerância zero» neste campo”, pediu.

O Papa terminou a carta dizendo que a alegria cristã não se constrói “à margem da realidade” ou fazendo de conta que ela não existe e voltou a pedir aos pastores renovada coragem para proteger a alegria de todas as crianças.

“Revistamo-nos da coragem necessária para promover todos os meios necessários e proteger em tudo a vida das nossas crianças, para que tais crimes nunca mais se repitam. Assumamos, clara e lealmente, a determinação «tolerância zero» neste campo.”

“Não deixemos que lhes roubem a alegria. Não nos deixemos roubar a alegria, guardemo-la e ajudemo-la a crescer. Façamos isto com a mesma fidelidade paterna de São José e deixando-nos guiar pela mão de Maria, a Mãe da ternura, para que não se endureça o nosso coração”, concluiu.



para ler **Carta** na íntegra:

<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2017/01/02/0004/00008.html#PO>

Por que cantamos?

Se cada hora carrega a sua morte,
se o tempo é uma cova de ladrões,
se os ares já não são os bons ares,
a vida nada mais é que um branco móvel...
perguntarás tu por que cantamos.
Se os nossos heróis ficam sem abraços,
e a pátria nos morre de tristeza,
e o coração do homem se despedaça,
mesmo antes da explosão da vergonha...
perguntarás tu por que cantamos.
Se nos afastámos como um horizonte,
se deixámos para trás árvores e céu,
se cada noite é sempre alguma ausência,
e cada despertar um desencontro...
perguntarás tu por que cantamos.
Cantamos porque o rio soa aos meus ouvidos,
e quando o rio soa também sonha.
Cantamos porque o cruel não tem nome,
e ao invés tem nome o seu destino.
Cantamos porque a criança, e porque tudo,
e porque algum futuro, e porque o povo.
Cantamos porque os sobreviventes
e os nossos mortos, querem que cantemos.
Cantamos porque não basta o grito,
não basta o pranto nem a raiva.
Cantamos porque cremos nas pessoas,
e porque venceremos a derrota.
Cantamos porque o sol nos reconhece,
e porque o campo cheira a primavera,
e porque neste tronco, naquele fruto,
cada pergunta tem sua resposta.
Cantamos porque chove sobre o sulco,
e somos militantes desta vida,
e porque não podemos nem queremos,
deixar que a canção se faça cinza.

MARIO BENEDETTI (1920-2009). Poeta, escritor e ensaísta uruguaio.